

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

---

# Revista Portuguesa de História

TOMO XI

VOLUME I



COIMBRA / 1964

# A perda da Colonia do Sacramento em 1680

## (Urna carta de D Manuel Lobo)

Entre os documentos que nos dão a conhecer, com mais ou menos pormenores, a conquista da Colonia do Sacramento pelos Espanhóis, em 7 de Agosto de 1680, contam-se duas cartas do fundador da nova povoação e comandante da guarnição portuguesa, D. Manuel Lobo. Conduzido com os outros prisioneiros para Buenos Aires, pode enviar ao Príncipe Regente D. Pedro um primeiro relato dos sucessos (datado de 21 de Setembro), por intermédio de um barco português que entretanto apparecera no Prata com tardios reforços (\*).

Foi oertamente essa missiva que chegou a Lisboa em 5 de Março de 1681. Os acontecimentos que se seguiram são bem conhecidos: a enérgica reaeção do Governo português, que fez apresentar ao de Espanha um verdadeiro *ultimatum*, as negociações do duque de Giovenazzo em Lisboa e o tratado de 7 de Maio, em cujos termos era restituída a Colónia a Portugal, embora a título provisório (2).

Encarregado de proceder à execução do tratado, partiu de Lisboa em 1682 o novo governador do Rio de Janeiro, Duarte Teixeira Chaves, que, depois de se demorar alguns meses no Brasil, chegou com quatro embarcações ao sítio de S. Gabriel 'em 28 de Janeiro de 1683. Entrando em contacto com Buenos Aires no último dia do mês, por meio de uma fragata que ali enviou, veio então a saber que D. Manuel Lobo falecera em 7 de Janeiro (3).

Quatro dias antes de morrer, o fundador da Colónia pôde ainda redigir, ou, mais provavelmente, ditar uma segunda carta para o Regente, com novas informações sobre as circunstâncias em que se

0) Trad. espanhola em *Campaña del Brasil. Antecedentes coloniales*, t. I, Buenos Aires, 1931, doc. XIII, pp. 258-261. Texto português em J. da C. Rego Monteiro, *A Colonia do Sacramento, 1680-1777*, vol. II, Porto Alegre, 1937, dote. 6, pp. 33-36.

(2) Além do nosso estudo *A Diplomacia Portuguesa e os Limites Meridionais do Brasil*, vol. I, Coimbra, 1957, pp. 154-184, e da bibliografia aí citada, ver: A. M. Riverós Tula, *Historia de la Colonia del Sacramento (1680-1830)*, Montevideo, 1959, pp. 81-84.

(3) Duarte Teixeira Chaves ao Príncipe Regente (Rio de Janeiro, 4-Julho-1683) — Arq. His>t. Ultramarino: *Rio de Janeiro*, Docs. avulsos, caixa 3.

perderá a praça, além de considerações acerca dos problemas da restituição e das dificuldades em que vivera como prisioneiro<sup>(4)</sup>. Este documento deve ter sido trazido a Lisboa por um dos companheiros de D. Manuel Lobo, D. Francisco Naper ide Lencastre, que dessa missão foi expressamente encarregado pelo autor <sup>(5)</sup>.

As duas cartas referidas são conhecidas e estão impressas desde há muito. Hoje publicamos uma terceira que julgamos inédita. Não tem indicação de destinatário, mas vê-se pelo texto que é alguma autoridade do Rio de Janeiro, talvez o tenente de mestre de campo general João Tavares Roldão, que ficara a governar na ausência de D. Manuel Lobo <sup>(6)</sup>, ou o desembargador sindicante João da Rocha Pita, cujo nome aparece muito ligado aos preparativos da expedição fundadora da Colônia <sup>(7)</sup>.

A missiva está datada de 22 de Setembro de 1680; deve ter sido, portanto, transportada pelo navio português que trouxe a carta de 21, dirigida ao Regente <sup>(8)</sup>.

Embora a redacção não seja das melhores, o texto dá-nos, em síntese, as seguintes informações:

a) A 7 de Agosto de 1680, duas horas antes de amanhecer, os sitiados assaltaram a Colônia, guiados por um paulista desertor.

b) Apanhados de surpresa, e vendo o inimigo dentro das fortificações, os soldados da guarnição defensora foram dominados pelo pânico, largando as armas e desamparando os oficiais.

<sup>(4)</sup> D. Manuel Lobo ao Regente (B. Aires, 3-Janeiro-1683), publ. por E. de Castro e (Almeida, *Inventario dos documentos relativos ao Brasil existentes no Archivo de Marinha e Ultramar. VI. Rio de Janeiro, lin Anna&s da Bibl. Nac. do Rio de Janeiro*, vol. XXXIX (1917), Rio, 1921, pp. 164-166.

<sup>(5)</sup> «...Como dirá o portador desta Dom (Francisco Naper die Alencastro a quem roguey quizesse fâzer esíta viagem...» (*Ibid.*, p. 164).

<sup>(6)</sup> *Documentos Históricas*, ed. da B. N. do Rio de Janeiro, vol. XXXII, Rio, 1936, ipp. 338, 352-353, e vol. LXXXII, Rio, 1948, ipp. 304-307; Rego Monteiro, op. c/V, vol. I, Porto Alegre, 1937, p. 43, e voll. II, pp. 6-7, 14-15, 20-21, 24; Riverós Tuia, op. cit., p. 58.

<sup>(7)</sup> Aurélio Porto, *História das Missões Orientais do Uruúuai*, Rio de Janeiro, 1943, pp. 266-267; Rego Monteiro, op. cit., vol. II, p. 24. Este último autor, publicou uma carta de D. Manuel Lobo para o Dr. J. da Rocha Pita, remetida da Colônia do Sacramento (pp. 52-53), sem data, mas escrita provavelmente em Julho de 1680 (Cfr. *A Diplomacia Portuguesa e os Limites Meridionais do Brasil*, vol. I, p. 150, nota 6).

<sup>(8)</sup> A embarcação partiu de Buenos Aires em 22 de Setembro (*Campaña del Brasil*, t. I, doc. XIII, n.º 126, pp. 262-263).

c) Estes conseguiram, no entanto, reunir 50 homens, e, apesar de terem de acorrer a diversos pontos por ond'e entravam os atacantes, «compirao todos de sorte suas obrigações» que poucos escaparam sem ser feridos ou mortos. Entre os últimos estavam os capitães Manuel Gailvãoi<sup>(9)</sup>, Manuel de Águila, António Correia Pinto e João Lopes da Silveira.

d) O capitão Simão Farto, o tenente Bartolomeu Sanches e D. Francisco Naper, vendo que os índios não davam quartel aos que se rendiam, resolveram «perder as vidas peleyjando», e assim escaparam, conseguindo os dois últimos, ide espada na mão, acolher-se a uma igreja.

e) Aos que, por falta de ânimo, fugiram não perdoou a «furia gentilica» dos Guaranis, apesar dos esforços idos Espanhóis para evitar o morticínio. Salvaram-se os que se refugiaram na igreja e na casa de D. Manuel Lobo, que estava de cama, doente.

f) Os portugueses mortos «se achou serem cento e doze» <sup>(10)</sup>.

ê) Os vencidos perderam tudo no saque realizado pelos índios; só D. Manuel Lobo conservou a roupa de seu uso, por mercê do comandante espanhol António de Vera, confirmada depois pelo governador de Buenos Aires, D. José de Garro.

h) Pensava-se que os prisioneiros seriam conduzidos a Lima e daí à Espanha.

i) O destinatário da carta devia enviar imediatamente ao Príncipe a noticia do acontecido. E se tivesse «avizo certo» de ajuste das duas Coroas sem guerra, mandaria logo uma embarcação a Buenos Aires com a nova.

O documento, como se vê, não dá grandes novidades. Pareceu-nos, ainda assim, que merecia a impressão, por ser obra do fundador da Colónia, por fornecer alguns pormenores interessantes e porque, afinal, corrobora, nas linhas gerais, o que nos dizem as fontes conhecidas sobre a primeira perda do célebre baluarte português do Prata.

LUÍS FERRAND DE ALMEIDA

<sup>(9)</sup> Comandou a defesa, (por motivo da doença de D. Manuel Lobo.

<sup>(10)</sup> Na realidade, parece terem sido pouco mais de 120 (Gfr. *A Diplomacia Portuguesa e os Limites Meridionais do Brasil*, vol. I, pp. 153-154 e nota 18).

## DOCUMENTO

## Copia da carta que esoreueo Dom Manoel Lobo

Em sete dle Agosto proxime passiaidio, pellas duas horas ante menhã, fomos avançados de repente pella gente die Buenos Aytres e entrados pella gente que nos sitiaua, que veyo em tal occaziaõ que os da Vanguarda, guiados por hum Paulista que tinha fogido hauia poucos dias para os sitiadores, o qual tinha dado noticia inteyra do Estado em que nos achauamos, e achando as sintinellas dormindo, subindo a hum baluarte de que se fizeraõ senhores, matando 'as sintinellas, pello que ise tocou a rebate, a tempo que, quando se acudiõ a elle, estauaõ ja em outras partes os Contrarios dentro das fortificações, as quaes todos os soldados desempararaõ, deixando as suas armas e dezemparrando seus officiaes, que, vendo aquelle dezempairõ, se uniraõ, com a forma a que a occaziaõ deu lugar, com alguns isoldados, homens brancos, que por todos seriaõ the <sincoenita, entrando no mayor numero delias da Companhia de Cauillos, e como o 'Campo da batalha foy ja dentro das fortificações, lhe foy forçado desunirensse para acudirerem as varias partes por donde entraua a gente, assim de pé como de Cauillo, e compriraõ todos de sorte suas obrigações que muy pouoos escaparaõ sem serem mal feridos ou mortos, entrando neste numero o 'Capitaõ Manoel Galuaõ, Manoel de Aguilla, e Antonio Correa Pinto, e o Capitaõ Ioaõ Lopes da Silueyra e seu filho, e os alferes; de todos que escaparaõ ferido®, valendosse com a espada na maõ do sagrado, foraõ os thenientes Bertholameu Sanchez, o Capitaõ Simaõ Parto e Dom Francisco Naper, que, vendo se naõ daua quartel aos que rendiaõ as armas pellos índios, determinarão perder ias vidas peleyjanldo, e aissy escaparaõ, naõ escapando os mais dos que fugirão por lhes faltar o animo para se defenderem, a nenhum dos quaes perdoou ia furia gentilica, que de nenhuma sorte a pode modificar a diligencia do Mestre de Campo Antonio de Veras, nem a 'Compayxaõ dos Espanhoes, que estes e aquelle pos toda a força em estoruar a jniquidade destes homens, naõ podendo valer mais que a minha Caza, onde eu me achaua sem forças para me leuantar da Cama, o que intenlley uarias vezfes; os da minha familia tiueraõ o mesmo preuilegio e alguns Soldados que a minha Choupana ®e tinhaõ acolhido; a Imunidade da Igreja valeo também aos que a ella se acolheraõ, que huns e outros foraõ os menos pois os mortos se achou serem cento e doze. O saque 'foy dos índios e naõ foy pouco, porque todos perdemos tudo, 'exceto a roupa de meu vzo, de que me fez merce naquelle Sitio o IMesltre de Campo Antonio de Veraz e neste porto o senhor Gouemador e 'Capitaõ General Dom Iozeph Garro, de quem sou prizio-neyro. O recurso desta nossa iprizaõ será sem iduuida passarmos daquy a Lima, ainda que eu o naõ poderey fazer isenaõ nos últimos, por a viagem ser larga e me naõ achar ainda com forças para semelhante Empreza, tendo por proa daspois desta jornada a que todos faremos a Espanha. E corno isto he huma Gouza taõ ipreciza, me parece que V. iM. deve fazer este auiso por Mar e Tierra, ou na melhor forma, com tanto que vá logo, e será necessário engenhar V. M. algum

nauió, dandolhe Carga, para que logo parta 'Caminho dío Reyno a leuar este auizio a S. A. que Deas guarde. E se por via da Bahia ou outra qualquer parte V. fM. tiuer auizio certo que estas duais 'Coroas se tem ajustado sobre este particular de forma que se não haja de romper a Guerra, V. M. mandará logo huma Emibarcassão a este porto, porque ainda que eu ao tal tempo naÕ esteja nellie, podermeha chegar esta noua por esta via mais depreça. Déos guarde a V.M. muitos annos. Buenos Ayres, 22 de Setembro *de 680*. iDom Manoel Lobo.

(Arquivo Histórico Nacional de Madrid: *Estado*, leg. 1777).